Sobre a Abjeção

CÉLIO GARCIA

Abjeção, s.f. Baixeza, aviltamento, vileza, torpeza, degradação.
Abjeto, adj. Imundo, desprezível, vil, baixo, ignóbil.

(Veja-se Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira — Ed. Nova Fronteira)

Aos dicionários não é dado conhecer o outro sentido, o "sem-sentido" de certas palavras. A certos autores tampouco .

Notas para uma conferência realizada no Instituto para América Latina da Universidade de Berlim em fevereiro de 1982.

Agredeço o convite que me foi feito pelo professor Carlos Azevedo, professor de Literatura Brasileira neste Instituto.

Agradeço também a amável ajuda de Sabine Hecker para tradução e cotejos com termos alemães.

Agradeço por fim ao professor Losada, chefe de Departamento do L.A.I.

"ABJEÇÃO" EM LITERATURA (Machado de Assis) EM PSICANÁLISE (Lacan) E SEU CONTEÚDO POLÍTICO

Num artigo publicado no Suplemento Literário do Minas Gerais, Letícia Malard, professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, adota o conceito "abjeção" ao tentar elucidar questões por ela encontradas na leitura de Machado de Assis. Trata-se do livro "Memórias Póstumas de Brás Cubas" que Letícia chamou "Memórias Abjetas de Brás Cubas".

Meu intento será alargar a discussão do conceito "abjeção" já que este mesmo conceito seria fundamental não só em Literatura, mas também em Psicanálise. Esta posição foi mantida por Julia Kristeva num livro intitulado "Pouvoirs de l'horreur — Essai sur l'abjection". À página 246 encontramos: Somente aqueles que passaram por uma Psicanálise, ou pela experiência de escrever, (ou ainda uma experiência dolorosa ou mística) poderão decifrar o véu de mistério que envolve o amor de si mesmo e o amor do próximo e aí encontrar abismos de abjeção... a Literatura é assim não uma fuga ou resistência, mas uma tentativa de revelar o objeto... a Literatura seria mesmo o significante privilegiado dos vários nomes que "esta literatura", longe de ser um acontecimento menor, de menor importância na nossa cultura, como parece dizer o consenso geral, esta literatura vem a ser o registro definitivo de nossas crises, de nosso apocalipse...

J. Kristeva estuda particularmente textos de Dostoiewski, Lautréamont, Proust, e mais longamente Céline.

Letícia assim inicia o artigo — "o inscrito talhado e retalhado em marca de fogo da narrativa machadiana é a abjeção... a abjeção corresponde a uma revolta do ser contra tudo aquilo que o ameaça de dentro e de fora... tudo aquilo que atrai, fascina e inquieta o desejo do proibido..."

Podemos desde já tomar um exemplo trivial para melhor entendermos o conceito e apropriarmo-nos desta noção com a qual pretendemos trabalhar. A náusea do alimento talvez seja a forma mais elementar e arcaica da abjeção... ao nausear-me diante da nata de leite, separo-me da mãe... ela que estava próxima, ao meu lado a oferecer-me a nata nauseante... expulso-me da mãe ao mesmo tempo em que me expulso de mim, abjetando-me...

Mais adiante, Letícia dirá: "ao tematizar a abjeção, que no nível consciente do seu discurso de autor é metonimizada em "rabugens de pessimismo"... Aí está uma definição menor da abjeção. Proust também a usou neste sentido restrito, dizendo: "Dans ces quartiers presque populaires, quelle existence modeste, abjecte, mais douce, nourrie de calme et de bonheur il eût accepté de vivre indefiniment" "Du coté de chez Swann".

Posso adiantar que encontramos várias traduções para a palavra quando empregada por Machado — no volume editado por Suhrkamp, tradução de Erhard Engler, à página 129, capítulo 59, encontramos: Nichtswürdigkeit; à página 109 do capítulo 47 se disse Verworfenheit. Numa outra edição encontramos Erbärmlichkeit para ambos os casos citados da edição Sulharkamp.

Não pretendemos trabalho de crítica literária; valho-me da diversidade de traduções para dizer que "abjeção" não teria uma tradução já estabelecida, não é um termo único com o qual se designasse em nossas línguas européias uma só e única cousa. Ao constatar a diversidade de traduções pensei mesmo que o conceito me interessava particularmente, por este fato merecia ele atenção redobrada. Quero dizer que para outros termos já temos traduções, denominações definidas. Por exemplo, nacional-socialismo. Diria que um termo como este aponta para alguma cousa que já conhecemos, enquanto que "abjeção" faz parte de nossa problemática não vivida.

No meu trabalho, ao trazer até vocês estas notas, encontrei as palavras Entsagung, Enthaltungsamkeit, Ablehnem como possíveis equivalentes para nos falar de abjeção. Gostaria de poder discutir com vocês sobre esta questão.

Por fim, outros termos ou traduções serão por mim evitados, na medida em que estas palavras estão comprometidas com uma interpretação por demais evidente, quando o pensamento burguês inquieto com as possíveis conseqüências da experiência da "abjeção" prefere tachá-la de "nihilismo", ou "pessimismo". São estereótipos em qualquer língua, em Português, em Alemão. Em nada nos ajudariam neste trabalho de reflexão.

Quanto a Letícia, ela dirá ainda: Em Machado de Assis o caráter de abjeção do cadáver narrador/narrativa não reside no impróprio, na ausência de saúde, mas na perturbação de uma identidade (autor defunto/defunto autor), de um sistema (aparência de puro romance/romance inusual), e de uma ordem, desrespeito de lugares e regras (um morto narrar sem se saber como/ denegar a forma romance e a conseqüente existência de leitores)...

A encenação mais transparente do abjeto se apresenta em Quincas Borba. Veja-se página 129, tradução Suhrkamp, cap. 59. As mulheres amadas também se colocam no espaço do abjeto. Veja-se cap. 47.

Literatura e Psicanálise

De fato a abjeção vai colocar-nos frente a frente com o problema do objeto — objeto da Psicanálise (da neurose) e objeto da escrita. Serge Leclaire num texto publicado na revista "Littérature" já havia assinalado "escrever, tentativa vã, mas válida... escrever é tentar o impossível"... Também em Psicanálise, vamos tentar definir qual o objeto em questão, em se tratando de neurose. Vamos tomar como exemplo (tal como o fez Julia Kristeva) a fobia. Por quê? Eis que a fobia do pequeno Hans nos remete a um objeto, o cavalo, mas não vamos acreditar pura e simplesmente que o cavalo é o objeto definitivo da história de Hans. Cavalo é o nome geral tomado pela cousa... De fato o que vamos encontrar no fundo da fobia é o nada... Ou se quisermos, o falo, mas esta seria uma outra linguagem... O objeto, pois, não se dá ao observador nem àquele que o teme... O objeto não é um "Gegenstand" que está lá, que permanece ao nosso inteiro dispor... ele surge, foge... Por isso que alguém de língua francesa já disse — OB-JEU, pois um processo de designificação nos remete sempre para outro objeto. Por ex., uma criança à mesa com adultos, ora o prato serve de chapéu, ora de avião, para desespero dos adultos que tentam a todo custo fixar a criança num daqueles significados que o objeto vai tomando. Dizem que a gente brincando com a criança é muito melhor... Teríamos então:

Literatura	Psicanálise
Abjeto	Objeto
Escrever	Fobia
Romance	Nada (A Falta)
Prêmio Nobel	Falo

Como no caso do objeto — de quem já dissemos que ele não está à disposição do observador ou daquele que o teme — também em se tratando do "abjeto", vamos dizer que não há por que acreditar no testemunho do sujeito que fala. Em outras palavras, nata de leite é abjeto para o interessado, não necessariamente para mim, analista, escritor... Se houvesse objetos realmente abjetos, o mundo estaria ordenado, (objetos abjetos x objetos não abjetos) e não seria o caso de estarmos aqui discutindo sobre a questão. No meu esquema o abjeto corresponde ao objeto... do fóbico.

Em uma segunda linha, temos Escrita de um lado, Fobia do outro. Ambos são sintomas, ambos tentativas de submeter o Inconsciente, "tentativa vã, mas válida"... no caso da "escrita" principalmente. Ambas nos falam desse esforço extraordinário que faz o sujeito que fala (da sua fobia, do seu livro) para traduzir diretamente o que vai no seu Inconsciente.

Numa terceira linha, coloquei — "Nada" do lado da Fobia pelas circunstâncias já aludidas. Do lado do abjeto (Literatura) assinalei Romance. Quero crer que o livro ainda é um engano, um logro que faz com que o escritor evite a loucura. Com isso, ele, escritor, deixa de conhecer o Nada que só a experiência psicanalítica daria. Só esta extraordinária experiência que se faz a dois (analisando e analista), mas que supõe um terceiro (o Simbólico, sobre o que direi uma palavra no parágrafo seguinte) para que o 1º e o 2º não venham a se deleitar com o inefável, só ela permite o enfrentamento com a lei que nos determina, com o Nada, a falta que nos funda — Julia Kristeva: "TOUTE ABJECTION EST EN FAIT RECONNAISSANCE DU MANQUE FONDATEUR DE TOUT ÊTRE". O escrever seria uma experiência sem uma referência outra, quero dizer, não há lugar para este terceiro, já que não há o segundo. O Simbólico seria a referência outra, independente da vontade ou do programa pedagógico do analista. O reconhecimento do Simbólico é uma maneira de se chegar à abjeção e seus recônditos abismos.

Enfim, com um pouco de ironia, alinhei "Prêmio Nobel" e "Falo", para dizer que a Literatura está vinculada, já no seu terceiro momento, a meu esquema, e mais ainda, no quarto mo-

mento, a uma consolação narcísica, o mesmo não acontecendo com a análise (pelo menos nos seus melhores momentos). Do lado da Análise só resta o reconhecimento da castração simbólica, sem nenhuma possibilidade de premiação, ainda que alguns mais espertos queiram convencer-nos do contrário, prometendo mundos e fundos ao paciente que acorre ao consultório. Com isso evitam muita cousa. Evitam, quero dizer, passam ao lado do fundamento de experiência analítica, ou ainda restringem-se a examinar o "projeto de vida". Por fim, creio que resta ao escritor que faz a experiência da abjeção uma saída que não o Prêmio Nobel — ou seja, problematizar a linguagem, desistir de um discurso em linha reta, dirigido pelo próprio escritor, (pretensamente dirigido). Ora a questão se põe — quais escritores reconheceram a questão da Linguagem? — Machado de Assis? — Que outros dela não se deram conta?

Conteúdo político da abjeção

Seria possível definir um conteúdo político progressista para a abjeção? Ou teríamos que dizer que a abjeção e sua elucidação levam sempre a posições conservadoras, reacionárias?

Letícia Malard conclui seu artigo dizendo, a propósito, de Machado: "assim, ao tematizar a abjeção... coloca-se como homem do seu tempo, que enxergava, com o olhar agudo da opinião, o mundo da burguesia brasileira dos fins do século XIX, rindo dela e por isso mesmo criticando-a num discurso literário que ultrapassa sua época..."

Quanto à Psicanálise — teria o analista, que conhece e trabalha com a "abjeção", alguma chance de referir seu trabalho a posições progressistas?

Lacan, que nos ensinou o que é a abjeção em Psicanálise, lembrava que ela, a abjeção, se aproxima da santidade... humor negro!... estas palavras ele as disse não no recôndito de seu gabinete, mas em Vincennes, no Departamento de Psicanálise que naquele momento se iniciava por volta de 1968. Ele também vai dizer: "L'histoire est dans l'maginaire", frase difícil para ser entendida, para ser explorada... Lacan teria sido a pessoa (no

meu conhecimento) que levou mais longe a experiência fundamental da abjeção em Psicanálise. Foi ele também que disse aos jovens revolucionários de maio de 1968: — vocês, de preferência, deveriam deixar vazio o lugar da verdade...!

Recentemente, empreendemos a leitura do livro de Freud "Massenpsy — chologie", leitura marcada pelas noções: [1] **multiplicidade;** — [2] Bindung e ao mesmo tempo Entbindung; [3] Hordentier e não Herdentier — para entendermos um grupo e o que nele se passa. **Multiplicidade** vamos encontrar na noção de Freud "Horde". Freud se pergunta o que faz com que as pessoas desistam de seu ponto de vista e permaneçam em grupo. A esta pergunta de Freud diríamos; a qualquer momento, alguém pode levantar-se e ir embora. Elias Canetti definiu esta situação nos seguintes termos: — É o estar numa malta, e sozinho ao mesmo tempo! (Se me permitem o emprego da palavra tal como é comum em Portugal).

Nesta leitura do livro "Massenpsychologie", tentamos reavaliar a importância excessiva atribuída por Freud ao chefe, em se tratando da estrutura de grupo, importância excessiva atribuída a Bindung em detrimento de Entbindung. Freud mesmo reconhece que além daqueles que colocam no lugar do Ideal do Ego um objeto, precisamente o chefe, há outros que não seguem este caminho, e são estes que nos interessam particularmente. Para entender o que se passa com estes, Freud propõe o conceito de Identificação. Identificação que é uma mímese da apropriação, identificação que na falta de uma tradução melhor, diria que "ela arranca pedaço". Quero dizer que me afasto de qualquer proposta para entender a identificação como algo que assegura a identidade em relação a uma figura total com quem eu mesmo me identifico.

Com essas considerações estamos nos afastando de nosso assunto. Mas, antes queria dizer que a esquerda freudiana entendeu mal a questão. Se tomo, por exemplo, a literatura de origem argentina de inspiração européia, sem dúvida, temos a passagem das (1) Massas espontâneas às (2) Massas artificiais, para atingirmos finalmente (3) as Massas revolucionárias, todas essas passagens garantidas pela noção de Vínculo (Pichon Rivière)

Bindung (Freud) esquecendo Entbindung. Ou seja, esta proposta atribui, tanto quanto fez Freud, importância primordial ao chefe. O caudilho, dizem os argentinos, representa um momento privilegiado, ou seja, ele mostra como colocar no lugar do Ideal do Ego alguma cousa, no caso, o próprio caudilho, sua originalidade, sua figura. No passo seguinte, as Massas revolucionárias farão a mesma experiência, agora colocando no lugar do Ideal do Ego algo que seria a consciência social. Nesta etapa final será a razão que decidirá as questões, e não as emoções!! (SIC..)

Creio que teremos que fazer uma leitura mais atenta de Freud e não repetir simplesmente as propostas da esquerda freudiana. É o que me propus fazer ao empreender a leitura do livro "Massenpsychologie". No entanto, percebi em vários momentos a armadilha que se estendia aos meus pés... por pouco estaríamos repudiando os movimentos populares, refugiando-nos nas alturas inatingíveis...

Que teria acontecido com Machado e com aqueles que, ao escreverem, fazem a experiência da abjeção? Esta a minha pergunta!

COMENTÁRIOS DA PROFESSORA LETÍCIA MALARD AO TEXTO DE CÉLIO GARCIA "SOBRE A ABJEÇÃO".

1. Acho que o termo "Prêmio Nobel" é insuficiente para abranger à "consolação narcísica", que inclui todo o resultado da publicação do escrito: (a publicação mesma é também consolação) críticas, análises, outros prêmios, cartas-comentário, etc. E mais: há muitos escritos que escapam à área do Nobel, mesmo que venham a ser considerados os melhores do mundo em determinada época. Ex.: a própria crítica/análise literária. Não tenho um substitutivo...

2. Concordo com a inexistência de objetos realmente abjetos, com que tais objetos são dados de discurso do sujeito falante. Entretanto, me pergunto por que determinados objetos trazem mais incidentemente a marca da abjeção do que outros, sendo a nata de leite um deles. Até que ponto tais objetos-abjetos (nata

de leite, cobra, gosma, fezes, urina, etc. etc.) não o são mais, na medida em que se presentificam na "cena primária", por exemplo? Outra indagação de mesma natureza: será que, na consciência social, a ordenação do mundo (que você nega, no objeto em si) não seria transparente à dicotomia abjeção (miséria, isto é, exploração, capitalismo, dominação de classe) não abjeção ("riqueza", coletivização dos meios de produção, socialismo, sociedade sem classes)?

3. Quanto à questão do grupo, colocada por Freud, concordo apenas em parte com sua resposta. Será que o levantar-se e ir embora a qualquer momento, não seria a concretização maior da abjeção, na medida em que "me nauseio" do meu ponto de vista (diferente do ponto de vista do grupo), separo-me do chefe/mãe/pai, e ao mesmo tempo me expulso de mim, abjetando-me? Até que nível o meu discurso no grupo é homólogo à escrita (fóbica), com que forço alcançar o "Prêmio Nobel" (lugar do chefe) e ser o grande dominador do Falo? Acho que também estou afastando-me do assunto...

4. Em relação às perguntas que você faz no item "Conteúdo político da abjeção", a única formulação que teria, no momento, seria o explicitado em 3 — precaríssima, diga-me de passagem. A frase de Lacan a respeito do maio de 68 me apavora, assim solta (desconheço o contexto em que foi dita). E assim solta, a própria Coisa, o Édipo, seria bem mais do que um vazio. Um buraco negro.